

História e Historiografia das Relações Internacionais e Primeira Guerra Mundial (1914-1918): reflexões preliminares

History and Historiography of International Relations and the First World War (1914-1918): preliminary reflections

Américo Alves de Lyra Júnior (<https://orcid.org/0000-0002-1581-191X>) 

<http://lattes.cnpq.br/5440477238046077>

Professor Titular da lotado na Coordenação de Relações Internacionais. Atua nas cadeiras de História das Relações Internacionais, História das Relações Internacionais do Brasil e História Andina e Pan-Amazônica, Universidade Federal de Roraima (UFRR).

E-mail: americo.lyra@ufr.br

Resumo: O ensaio parte de questões metodológicas e de conteúdos para asseverar a escrita da História das Relações Internacionais sem apelo para teorias clássicas. Adotamos e trabalhamos os atores dessa trama em suas perspectivas e conceitos. Tal escolha permitiu a adoção de uso de conceitos em processo de ressignificação para observar que a história reaviva a partir do afastamento e de reaproximações rotineira

Palavras-chave: História dos Conceitos; Historiografia; Primeira Guerra; Relações Internacionais.

Abstract: This essay starts from methodological and content-related questions to assert the writing of the History of International Relations without resorting to classical theories. We adopt and work with the actors in this narrative from their perspectives and concepts. This choice allowed for the use of concepts in a process of re-signification to observe how history is revived through routine separation and rapprochement.

Keywords: Conceptual History; Historiography; World War I; International Relations.

Introdução

Este ensaio se propõe relacionar, em uma reflexão preliminar, debates a respeito da historiografia da História das Relações Internacionais com abordagens críticas sobre a Primeira Guerra Mundial. Nesse propósito, partiu-se de artigos de três estudiosos dos fenômenos internacionais. O primeiro Brian C. Schmidt, cientista político e também professor da *University of New York e Aberystwyth*.

Os demais pesquisadores são Stéfanie Prezioso e Béla Tomka. Ambos os investigadores são historiadores. Ela professora do *Institut d’Etudes Politiques et Internationales* da *University of Lausanne*, Suíça. Ele, docente do departamento de História da *University of Szeged*, Hungria. Todos eles voltados a temas mundiais, mas buscando singularidades dentro deles. Schmidt (2012) refletindo as limitações da historiografia da História das Relações Internacionais enquanto Prezioso (2022) e Tomka (2022) pensam criticamente a Primeira Guerra Mundial.

Esses cientistas contribuem, de forma efetiva, a alcançarmos o objetivo principal do texto em pauta. Pretende-se correlacionar, em termos metodológicos, a escrita da História das Relações Internacionais com assuntos globais, como a Primeira Guerra, sem o recurso das teorias clássicas da ciência em questão. Recusá-las, na perspectiva dessa redação, implica oportunizar reflexões mais abrangentes incluindo, inclusive, o pensamento de investigadores e estadistas de nações colonizadas em passado recente. O que não é o nosso caso.

Tal exercício é esboçado nesse trabalho a partir de duas seções que se dialogam. A primeira, e mais breve, denominada “Contextualismo, Historiografia e História das Relações Internacionais”, fortemente baseada no artigo de Schmidt (2012), nos apropriamos de conceitos chave para contextualizar o tema principal das reflexões de Prezioso (2022) e Tomka (2022), a Primeira Guerra.

Na seção intitulada “Primeira Guerra Mundial como ‘*catástrofe seminal*’ de um ‘desenvolvimento geográfico desigual e combinado’”, dialogamos com conceitos de Preziosa (2022) e Tomka (2022) para entender as críticas desses autores em perspectiva econômica e política. Dessa forma, entendemos poder mostrar a possibilidade de uma análise que transcenda as limitações de teorias e metodologias clássicas nas Relações Internacionais.

Contextualismo, Historiografia e História das Relações Internacionais

Apesar de Brian C. Schmidt (2012) discutir a respeito da historiografia das Relações Internacionais, com a última entendida enquanto ciência, e a partir do que denomina de princípios metodológicos, existe contribuição para pensar novas formas de compreender a Primeira Guerra no campo de uma história disciplinar, qual seja: a História das Relações Internacionais.

Para isso, o autor rompe com a falsa ideia de consenso historiográfico na História das Relações Internacionais em termos epistêmicos e ontológicos. Ele formula forte crítica com o sentido de afirmar que as obras até então existentes no campo em questão “(...) se resume a pouco mais do que ‘elementos’. Reformulações <sic> simplistas do ‘conhecimento comum’ (...)”¹ (Schmidt, 2012, p. 7).

Schmidt (2012, p. 8;11), porém, argumenta em favor da evolução metodológica da disciplina histórica que teria adquirido maior densidade intelectual. A despeito da defesa feita pelo cientista político, a nós interessa sua preocupação com o que chama de “contextualismo”. Esta “vertente historiográfica” teria surgido, inclusive, ao termino da Primeira Guerra.

Em linhas gerais, a ideia de “contextualismo” objetiva ter os acontecimentos pertinentes da política global na melhor perspectiva para a História das Relações Internacionais. E, o mais apropriado, para Schmidt (2012, p. 13), é o do contexto mais adequado. O autor, nesse ponto, é explícito porque contextos são investigados por meio das necessidades do tempo atual, contemporâneo.

A questão de fundo é a opinião geral de que as Relações Internacionais representam campo da política internacional e, justamente por isso, tenham a necessidade de possuir, pelo menos, um contexto externo. Schmidt (2012, p. 13) argumenta que para pesquisar ou atuar naquela política não precisa ter um único contexto para construir a História das Relações Internacionais, como ocorre com suas teorias clássicas.

Nessa perspectiva, a próxima seção significa a exemplificação da afirmação do parágrafo anterior. São apresentados dois contextos sobre uma mesma discussão no campo da História das Relações Internacionais.

¹ Tradução livre.

Primeira Guerra Mundial como “Catástrofe Seminal”: de um “Desenvolvimento Geográfico Desigual e Combinado”

Entendemos a Primeira Guerra Mundial como ruptura com a fase que a antecedeu temporalmente. Ruptura que iniciou conflitos por toda a Europa Central e Oriental, derrubando impérios e, ao mesmo tempo, fazendo ascender um outro sistema de Estados-nação. Contexto no qual, ao longo do século XX, viu surgir sistemas autoritários que dominariam aquela Europa. Béla Tomka (2022) examina esse conflito mediante três concepções históricas diferentes. Na primeira delas, esse conflito é classificado como o desfecho de uma prolongada época que o precedeu. Compreensão distinta, o propõe enquanto “divisor de águas” dos períodos “pré-1914 e pré-1945”. Por último, uma terceira exposição justifica aquele confronto na qualidade de “catástrofe seminal”.

A ideia de “catástrofe seminal” tem, por objetivo, estabelecer a Primeira Guerra Mundial como o início de uma quadra histórica singular, a qual persiste ao epílogo do século XX. E, no decurso desses anos, originam “processos seminais” de longa duração nos âmbitos econômico, político e social. Sob tal ponto de vista, o século referido se constitui em um tempo de suscitar orientações daquela batalha para os períodos seguintes (Tomka, 2022, p. 675; 687).

Desses “processos seminais”, Tomka (2002, p. 687-688) evidencia episódios referentes à Primeira Guerra e que subsistem na história de um mundo globalizado, originando uma cultura da guerra. No domínio político, ressaltamos: agressão aos grupos minoritários, as contendas iugoslavas associadas a limpeza étnica na década de 1990 e mobilizações nacionalistas na Europa nos anos 2000 (Tomka, 2022, p. 688).

Em matéria de economia, salientamos o fortalecimento do Estado em proporções bem maiores do que no passado. Ele passa a controlar as finanças e a distribuição de alimentos, de modo a intervir diretamente na vida dos cidadãos. Estados Unidos, no Ocidente, e Japão no Oriente, se destacam economicamente. No caso do primeiro país, sua influência no mercado internacional se faz sentir após 1918 com o dólar americano tendo a função de credor, segurador e investidor (Tomka, 2022, p. 690).

Stéfanie Prezioso (2022) também estuda a Primeira Guerra Mundial e, a exemplo de Tomka (2022), a concebe enquanto uma ruptura histórica profunda. Ela, porém, discorda da compreensão daquele autor ao entender que a ruptura citada separa duas eras. Eles também concordam quanto ao fortalecimento do Estado. Prezioso (2022, p. 493), inclusive, advoga que

tal fortalecimento se deu porque aquela guerra envolveu toda a sociedade, de modo a mobilizar sem precedentes dos recursos do Estado.

Nesse contexto, temos o desenvolvimento de setores econômicos portadores de inovações técnicas e científicas, os quais se associam ao apelo por mobilização geral que vitimou uma geração inteira nos campos de batalha, com a participação de intelectuais que foram os principais fundamentos do desenvolvimento em pauta. Em suma, seja do ponto de vista econômico, político, social ou cultural, a guerra atuou como a primeira grande revelação e catalisadora de mudanças nas sociedades europeias desde a década de 1890.

No que diz respeito às implicações sociais mais amplas, mencionamos que a Primeira Guerra Mundial trouxe um avanço no desenvolvimento das democracias de massa. Na era anterior, os sistemas parlamentaristas existiam em toda a Europa Ocidental, mas apenas uma pequena porcentagem da população tinha direito a voto. No entanto, durante a guerra, os maiores sacrifícios foram feitos pelos grupos excluídos, que reivindicaram seus direitos políticos.

A introdução do sufrágio feminino também ganhou força. Isso se deveu, em grande parte, à presença cada vez maior de mulheres no mundo do trabalho e, notavelmente, em cargos que exigiam formas de mão de obra qualificada. Esse processo se acelerou ao longo do século XX, tornando-se talvez o fator mais importante na crescente emancipação política e econômica das mulheres.

No entanto, a extensão em larga escala do direito ao voto e a disseminação simultânea dos sistemas parlamentaristas também criaram turbulências políticas no curto prazo. Embora a Grã-Bretanha tenha conseguido estabilizar a sua democracia na década de 1920, a maioria das democracias liberais entrou em colapso ou foi derrubada no início da década de 1930, o que contribuiu decisivamente para a escalada dos conflitos internacionais.

Em relação aos processos sociais de longo prazo, a guerra não tanto provocou um avanço, mas atuou como um catalisador que acelerou mudanças já em andamento. A classe trabalhadora continuou a crescer durante a guerra. Em alguns países, aumentou em um terço nos quatro anos em questão.

Paralelamente à expansão do papel econômico do Estado, a política social também recebeu maior ênfase. A guerra desenraizou milhões, contribuindo assim para a disseminação de novos hábitos e atitudes. Comunidades camponesas relativamente isoladas estavam cada vez mais expostas aos valores urbanos.

As mudanças ocorridas nos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade (particularmente, mas não exclusivamente, no que diz respeito à presença das mulheres no local de trabalho) também são uma indicação significativa de mudanças e desafios aos valores sociais.

Na década de 1920, a visão de uma mulher sozinha em um cinema e em outro local público de entretenimento tornou-se habitual em cidades europeias, enquanto apenas algumas décadas antes teria constituído um incidente raro.

Considerações Finais

O objetivo do ensaio era o de correlacionar as questões mundiais, como a Primeira Guerra, com a escrita da História das Relações Internacionais sem o recurso de teorias clássicas. Tal exercício foge ao falso consenso historiográfico ao passo que contempla temas que não seriam abordados caso a opção fortalecesse escolhas conservadoras.

De igual modo, se sustenta a premissa de que os contextos históricos são influenciados pela carência contemporânea. Além do que, tratando-se de História das Relações Internacionais, podemos considerar a ocorrência de mais de um contexto externo, como observado nas discordâncias metodológica de Prezioso (2022) e Tomka (2022).

Como sugerido anteriormente, o contexto se molda a melhor opção historiográfica. Opções que desnudam a relação entre os contextos que se realimentam, como a ocorrência e simpatia de setores entre si.

Referências

Prezioso, S. Globalisation, Internationalism and the Great War. In: **Labor History**, New York, v. 63, n. 4, pp. 492-502, Mar., 2022.

Schmidt, B. C. On the History and Historiography of International Relations. In: Carlsnaes, W; Risse, T; Simmons, B. A. (org.). **Handbook of International Relations**. Londres: Sage Publications, 2012. pp. 3-28.

Tomka, B. World War I as a Historical Divide. In: **Hungarian Historical Review**, Budapeste, v. 11, n. 4, pp. 675-701, 2022.